




DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v19.i1.8660858>

Relato de Experiencia

Os atuais desafios para a organização do trabalho pedagógico na escola: uma discussão a partir dos estágios curriculares supervisionados em educação física

Current challenges for the organization of pedagogical work at school: a discussion from the curricular internships supervised in physical education

Desafíos actuales para la organización del trabajo pedagógico en la escuela: una discusión desde las prácticas curriculares supervisadas en educación física

Gislei José Scapin¹ 

Gabriel Vielmo Gomes¹ 

Maristela da Silva Souza¹ 

RESUMO

Objetivo: O presente estudo tematiza o Trabalho Pedagógico em Educação Física (EF). Objetivamos elencar e discutir os atuais desafios para a organização do Trabalho Pedagógico em EF escolar a partir das experiências vivenciadas no Estágio Curricular Supervisionado I – do curso de EF do CEFD/UFSM, desenvolvido em uma escola pública do município de Santa Maria – RS, durante o primeiro semestre de 2019. **Método:** Inicialmente situamos a organização do referido estágio no curso de formação de professores/as em EF. Na sequência, apresentamos a proposta de trabalho elaborada para o estágio e, por fim, pautamos algumas discussões sobre os desafios para pensar/elaborar o Trabalho Pedagógico oriundos da prática pedagógica. **Resultados:** Entre os resultados, a organização das aulas de EF no horário contraturno e a esportivização das práticas pedagógicas, assim como as implicações decorrentes, se apresentam como desafios para pensar/organizar o Trabalho Pedagógico na escola. **Considerações Finais:** Neste contexto, observa-se um movimento de desqualificação da área no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Cultura Corporal. Prática pedagógica.

¹ Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e Desportos, Linha de Estudos Epistemológicos e Didáticos em Educação Física, Santa Maria – RS, Brasil.

Correspondência:

Gislei José Scapin. Universidade Federal de Santa Maria, Avenida Roraima, 1.000, Bairro Camobi, Santa Maria-RS, CEP 97105-970. Email: gjscapin@gmail.com



ABSTRACT

Objective: This study focuses on Pedagogical Work in Physical Education (PE). We aim to list and discuss the current challenges for the organization of Pedagogical Work in school PE from the experiences lived in Practicum I - of the CEFD/UFSM PE course, developed in a public school in the city of Santa Maria - RS, during the first semester of 2019. **Method:** Initially we placed the organization of that internship in the PE teacher education course. Following, we present the work proposal prepared for the internship and, finally, we guided some discussions about the challenges to think/elaborate the Pedagogical Work originating from the pedagogical practice. **Results:** Among the results, the organization of PE classes in the evening hours and the sporting of pedagogical practices, as well as the resulting implications, present themselves as challenges to think / organize Pedagogical Work at school. **Final considerations:** In this context, there were a movement of disqualification of the area in the school context.

Keywords: School Physical Education. Corporal Culture. Education practices.

RESUMEN

Objetivo: Este estudio se centra en el Trabajo Pedagógico en Educación Física (EF). Nuestro objetivo es enumerar y discutir los desafíos actuales para la organización del Trabajo Pedagógico en Educación Física escolar a partir de las experiencias vividas en el Pasantía Curricular Supervisada I - del curso de Educación Física CEFD/UFSM, desarrollado en un colegio público de la ciudad de Santa María - RS, durante el primer semestre de 2019. **Método:** Inicialmente ubicamos la organización de las prácticas referidas en el curso de formación de profesores de EF. Luego, presentamos la propuesta de trabajo preparada para la pasantía y, finalmente, orientamos algunas discusiones sobre los desafíos para pensar/elaborar el Trabajo Pedagógico desde la práctica pedagógica. **Resultados:** Entre los resultados, la organización de las clases de EF en horario vespertino y el deporte de las prácticas pedagógicas, así como las implicaciones resultantes, se presentan como desafíos para pensar / organizar el Trabajo Pedagógico en la escuela. **Consideraciones finales:** Por fin, estos factores corroboran para un movimiento de descalificación del área en el contexto escolar.

Palabras Clave: Educación Física Escolar. Cultura corporal. Practica pedagógica.

INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF), na qualidade componente curricular obrigatório da educação básica (BRASIL, 1996), possui como tarefa o trato pedagógico com conhecimento de uma área da cultura humana que podemos denominar de Cultura Corporal (CC). Tal conhecimento representa e materializa o acervo de bens imateriais produzidos historicamente e exteriorizados pelo agir corporal como síntese de experiências ideológicas, políticas, filosóficas e sociais, em sentidos lúdicos, agonistas, competitivos, dentre outros, na forma de jogos, lutas, danças, esportes, ginástica e outras manifestações corpóreas (ESCOBAR, 2012).

A referida concepção teórico-metodológica acerca da EF escolar nos remete ao entendimento do Trabalho Pedagógico² enquanto “[...] prática social munida de forma e conteúdo, expressando, dentro das suas possibilidades objetivas, as determinações políticas e ideológicas dominantes em uma sociedade ou, ainda, busca a explicitação da superação destas determinações” (FRIZZO; RIBAS; FERREIRA, 2013, p. 556). Situamos, também, que o Trabalho Pedagógico do/a professor/a está alicerçado na categoria *trabalho* (MARX, 2010), na atividade essencialmente humana que, nesse caso, toma forma e expressão no trato com o conhecimento escolarizado.

Nesses termos, a prática social do/a professor/a – e conseqüentemente seu Trabalho Pedagógico – necessita da escolha de uma proposta teórico-pedagógica que dialogue dialeticamente com as práticas sociais cotidianas, elevadas a um plano científico, mais elaborado. Portanto, é através da mediação realizada pelo/a professor/a entre teoria pedagógica, conhecimento e aluno que se produz a práxis como prática social objetivada em sua totalidade, possibilitando uma atividade transformadora da realidade social concreta desses sujeitos (PRADO; LIMA, 2016).

Considerando esses preceitos, articulamos os Estágios Curriculares Supervisionados (ECS) com as múltiplas determinações impostas ao ambiente escolar, ao Trabalho Pedagógico do/a professor/a, a partir do contexto educacional e das políticas deste âmbito social. Diante disso, o corrente artigo tematiza o Trabalho Pedagógico em EF escolar a partir da materialidade encontrada no plano do Estágio Curricular Supervisionado I (ECS I) correspondente à etapa do Ensino Médio, do Curso de EF-Licenciatura do Centro de Educação Física e Desportos - CEFD/UFSM³. Nosso objetivo, a partir da realidade vivenciada no referido estágio,

2 Neste artigo utilizaremos as iniciais maiúsculas para tratar sobre Trabalho Pedagógico, pois o situamos como uma categoria analítica, possuindo sua particularidade enquanto uma representação do mundo material que, neste artigo, é elevada do abstrato ao concreto, conforme preceitos de Marx (2008).

3 O ECS I em EF do CEFD/UFSM está pautado pela resolução do Conselho Nacional de Educação nº 02/2002, com a totalidade de 400 horas para licenciaturas (BRASIL, 2002). O Projeto Político Pedagógico do referido curso estabelece três Estágios Curriculares Supervisionados (ECS): I (MEN 1106) Ensino médio; II (MEN 1107) Anos Finais do Ensino Fundamental; III (MEN 1108) Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

é elencar e discutir os desafios para pensar/organizar o Trabalho Pedagógico em EF escolar na atualidade, contribuindo para o debate da área em torno dessa temática.

Para o desenvolvimento deste estudo teórico-crítico, percorremos um caminho metodológico pautado, inicialmente, por um relato de experiência⁴ das ações pedagógicas em EF desenvolvidas no ECS I, em uma escola da rede pública da cidade de Santa Maria – RS. O relato de experiência, nesse caso, trata da materialidade das ações pedagógicas, pois se constitui pelas sínteses das múltiplas determinações produzidas no interior da escola e das aulas, considerando o embate de projetos históricos e a permanente tensão entre escola e sociedade no bojo das contradições capital-trabalho, trabalho-educação e da luta de classes (SAVIANI, 2012).

Concomitantemente ao relato de experiência, na intenção de fundamentar nosso entendimento conceitual e as discussões envolvendo a categoria Trabalho Pedagógico, lançamos mão de algumas referências bibliográficas que julgamos relevantes para concretização do objetivo proposto, a saber: Zimmermann, Ribas e Ferreira (2013), Antunes (2011), Ferreira (2018), Freitas (1995), Frizzo (2008). Ponderamos que os autores/obras empregados neste trabalho apresentam instrumentos teórico-conceituais que possibilitam algumas discussões acerca da categoria Trabalho Pedagógico, em especial no campo da EF.

RELATO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I (ECS I)

O ECS I, realizado em uma escola pública estadual na cidade de Santa Maria – RS, foi desenvolvido durante o primeiro semestre de 2019, com uma turma multisseriada. As aulas de EF no referido estágio, realizadas no contraturno⁵ dos demais componentes curriculares do Ensino Médio e ofertada no modelo de clubes⁶ esportivos, a partir da preferência dos alunos, conciliava-se com a disponibilidade dos horários dos professores/as da escola que definiam o dia e horário das aulas.

A partir dessa realidade, a inserção do ECS I na escola se configurou no clube

⁴ Para viabilização do relato de experiência utilizamos os registros sistemáticos das aulas com intuito tecer anotações, sistematizando as observações e intervenções, colaborando para organização dos conteúdos, planejamento e elaboração dos materiais, conforme preceitos de Bogdan e Biklen, (1994).

⁵ Refere-se a extensão do turno regular das aulas, onde diversas atividades são desenvolvidas com os alunos no turno oposto. Dentre as práticas naturalizadas no ambiente escolar, se encontra a efetivação da disciplina de EF, deslocada dos demais componentes curriculares do ensino básico. No caso específico do ECS I, as aulas das diferentes disciplinas ocorriam no período matutino, enquanto as aulas de EF eram concretizadas no turno vespertino, já que a escola tem seu funcionamento nos três períodos do dia, voltados para os alunos do ensino médio pela manhã, a tarde para os estudantes do ensino fundamental e o turno noturno para os educandos da Educação de Jovens e Adultos.

⁶ Segundo Ribeiro (2012), está organização da disciplina de EF se caracteriza pela prática e treinamento de uma prática esportiva durante o ano letivo.

esportivo de futsal masculino. Entendemos que divisão entre sexos se justifique pela “cultura” da EF escolar, muito pautada pelas diferenças nas questões biologicista e sexista das habilidades e da aptidão física entre os alunos.

A turma continha nomeadamente 38 alunos. Entretanto, na prática escolar, a presença discente nas aulas se materializava num quantitativo de no máximo 15 alunos. Essa realidade de evasão das aulas de EF, era justificada pela apresentação de atestados de trabalho e médico, como também, pela dificuldade de acesso financeiro para frequentar a escola no contraturno (gasto extra com passagens de ônibus).

No contexto apresentado, como forma de sistematização da prática pedagógica, ajustamos/adequamos o interesse dos alunos (o apreço pelo esporte) com o trato do conteúdo (futsal/futebol) em suas múltiplas relações/determinações, sejam elas históricas, políticas, sociais etc., considerando os critérios de seleção e organização no trato com o conhecimento da área conforme sugerem Soares *et al.* (2012).

Dessa forma, entendemos que a EF possui determinada relevância no processo de construção dos sujeitos histórico-sociais, pertencentes de uma sociedade complexa, dinâmica e contraditória. Assim, cabe à disciplina contribuir na formação humana quando trabalhada na totalidade e concretude de seus conhecimentos, contrapondo-se a lógica hegemônica do *jogar pelo jogar* ou *fazer pelo fazer*. Por conseguinte, desenvolvemos durante as aulas do ECS I debates, análises críticas e produção de sínteses sobre temáticas como o racismo, a desigualdade de gênero e as questões históricas dessa manifestação da CC, possibilitando a apropriação do conteúdo para além do seu caráter prático-motor ou instrumental.

Colocamos como proposta para o estágio a proposição de aulas que rompessem e alterassem o modelo hegemônico construído historicamente na área da EF, ou seja, aulas práticas e centradas no incremento motor dos alunos. Optamos, através da lógica de clubes, abordar além de assuntos técnicos e táticos relacionados ao futsal/futebol, mas também proporcionar aos educandos a elaboração de um olhar mais crítico sobre tal conteúdo, ressignificando seus valores e sentidos na prática social mais ampla. Inferimos, portanto, a possibilidade de discutir sua história, analisar questões econômicas, políticas, culturais e sociais do universo do esportivo, além de questionar a exacerbação do caráter competitivo (do vencer a qualquer custo).

O Trabalho Pedagógico baseou-se na abordagem pedagógica da EF Crítico-Superadora, em que aponta como objeto de conhecimento da área a CC, ou seja, a sistematização das práticas corporais manifestadas nas formas de conteúdos escolares como, por exemplo: o esporte (efetivado na intervenção pedagógica), o jogo, a ginástica, a dança, as lutas, entre outros (SOARES *et al.*, 2012). Sendo

assim, a CC é definida como:

[...] a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os alunos na escola. (SOARES *et al.*, 2012. p.40).

A referida abordagem, com o objetivo de proporcionar uma análise crítica do movimento e das manifestações corporais, tem sua base pedagógica inspirada, fundamentalmente, na Pedagogia Histórico-Crítica, orientando sua prática educativa se articulando com os interesses populares e da classe trabalhadora, com a finalidade de transformar a sociedade (SAVIANI, 2013). Para o autor, a formação do educando adota uma abordagem crítica e revolucionária em sua prática cotidiana (SAVIANI, 2013). Desse modo, na efetivação do ECS I, objetivamos contemplar (o máximo possível) a totalidade do conhecimento e suas respectivas conexões com as relações macrosociais para que os alunos pudessem se apropriar dos fenômenos da prática social (conteúdos), abordados no interior das aulas de EF.

Para fins de planejamento, utilizamos a metodologia dos cinco passos sistematizados também por Saviani. Segundo Gasparin (2009), os cinco passos do processo metodológico são empregados na materialização da prática pedagógica baseada na relação dialética entre sujeito e conhecimento, ou seja, educando e conteúdo através da mediação do professor. Segue uma síntese dos passos conforme explicações de Gasparin (2009) e Saviani (2012).

A Prática Social (inicial): respalda-se no contato inicial do aluno com o conteúdo, o aluno apresenta seu conhecimento sincrético sobre o tema e, assim, concretiza-se o ponto de partida do trabalho. A Problematização: parte do processo de questionamento, bem como, do movimento de instigar o educando a refletir, analisar, encontrar possibilidades e alternativas para transformar a prática social inicial. A Instrumentalização: é o momento de estruturar/desenvolver os conceitos científicos da temática. Fase de construir e assimilar os novos determinantes relativos aos conteúdos, respondendo as questões evidenciadas na fase anterior. A Catarse: é o momento de sistematizar o que foi incorporado pelos estudantes, alcançando um nível intelectual mais elevado do conhecimento, incorporando um novo patamar intelectual. Por fim, a Prática Social (final): é promovida a partir do novo entendimento do educando em relação ao conteúdo, é o movimento de transpor a teoria para uma nova prática, o educando detém uma nova forma de pensar a realidade que materializa a nova prática social final. (GASPARIN, 2009; SAVIANI, 2012)

Dentre os conteúdos da EF, trabalhamos com o esporte (futsal/futebol), que, de acordo com Soares *et al.* (2012, p. 70), quando abordado a partir dos pressupostos da CC questiona “[...] suas normas, suas condições de adaptação à

realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria". No processo de apropriação do conhecimento acerca da temática, os estudantes devem resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual (solidariedade, respeito), ao passo em que os mesmos possam compreender e criticar o atual programa de esporte a partir da determinação do contexto socioeconômico-político-cultural. O resultante disso é que sua prática esportiva seja dotada de significado e valores que objetivem a garantia do direito de acesso para toda a população (SOARES *et al.*, 2012).

É oportuno situarmos a etapa de ensino que foi alvo de nossas intervenções durante os ECS I no modelo seriado de organização escolar proposto por Soares *et al.* (2012) para as aulas de EF. Com a finalidade de superar tal modelo, os referidos autores propuseram a lógica de ciclos de escolarização⁷. Logo, o quarto ciclo, referente ao Ensino Médio, possui por incumbência o aprofundamento da sistematização do conhecimento onde o aluno deve ter a autonomia para refletir sobre o objeto de estudo, percebendo, compreendendo e explicando as propriedades comuns e regulares dos objetos, dando um salto qualitativo na sua consciência e entendimento, visto que é nesse ciclo que o aluno lida com regularidade científica, adquirindo condições objetivas para se forjar criticamente e conscientemente sobre a realidade social que se insere, podendo nela intervir a partir de seus interesses de classe (SOARES *et al.*, 2012).

TRABALHO PEDAGÓGICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISES A PARTIR DA MATERIALIDADE DO ECS I

Para atendermos o objetivo deste artigo (analisar /discutir/verificar sobre os atuais desafios para o Trabalho Pedagógico na EF Escolar), é necessário apresentarmos nosso entendimento de Trabalho Pedagógico, delimitando nosso horizonte conceitual, referindo-nos ao tempo/espço do cenário escolar, ou seja, da educação formal/institucionalizada. Trataremos, portanto, de forma específica sobre o trabalho realizado no interior da escola, da sala de aula, do professor, dos educandos, sobretudo no contexto institucional de ensino-aprendizagem, na perspectiva do ECS I.

Tomamos como ponto de partida dois aspectos: a concepção da categoria Trabalho e a diferença entre Teoria Educacional (TE) e Teoria Pedagógica (TP). Consideramos que a construção e organização do Trabalho Pedagógico, nas diversas áreas de conhecimento, se relacionam diretamente com a compreensão do conceito da categoria Trabalho e suas manifestações no movimento de mudanças do

⁷ Os ciclos de escolarização na perspectiva de Soares et al. (2012.p. 36) seguem quatro fases: pré-escola até a 3ª série, ciclo de organização da identidade dos dados da realidade; 4ª à 6ª séries, ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento; 7ª à 8ª séries, ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento; 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio, ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento.

processo de produção da sociedade, bem como das finalidades e orientações que pautam o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem no interior da escola e como, neste caso, os/as professores/as e alunos versam pedagogicamente o conhecimento da EF.

O *trabalho*, em sua dimensão histórica e ontológica, é compreendido como atividade humana que produz bens e serviços, bem como elemento constitutivo em si da práxis humana no processo de produção da existência dos indivíduos e das coletividades no intercâmbio com a natureza. Desse modo, os indivíduos atuam enquanto agentes construtores das condições de sua existência e permanência vital, elaborando cultura e fazendo sua história (MARX, 2010).

Nessa perspectiva, o autor (MARX, 2010, p. 84) situa o trabalho como condição vital, como "atividade vital". Essa atividade vital – manifestada pelo trabalho – aparece como meio para satisfação das necessidades e carências indispensáveis para manutenção da existência física do gênero humano e, ademais, corrobora para ação produtiva da sua própria consciência, transformando-se em "atividade vital consciente". Em suma, o trabalho enquanto atividade vital é uma categoria mediadora, síntese da objetivação e apropriação das relações humanas com seus pares e com a natureza para produzirem sua existência e sua consciência, estando diretamente vinculada às transformações históricas e produtivas das sociedades, contribuindo para a criação de bens materiais e imateriais.

No movimento histórico de transformações sociais e de produção das bases materiais e objetivas de existência humana, o trabalho assume no modo capitalista de produção uma feição opressora, envergando/curvando de uma posição produtora de vida para uma posição de produtora de renda. É nessa conjuntura que o trabalho se caracteriza como alienado e explorado, minimizando a ação humana em produção de mercadorias e, conseqüentemente, em produção de mais-valia. Para Marx (2010), a organização da sociedade pautada pela propriedade privada e pela divisão em classes sociais propiciou às novas relações estabelecidas pelo e para o trabalho, isto é, as relações de exploração do homem pelo homem, a fragmentação do trabalho manual e intelectual, o estranhamento em relação ao produto do trabalho, entre outras.

As novas projeções assumidas pelo trabalho no interior do capitalismo são fundamentais para entendermos a organização da educação, da escola e, principalmente, do Trabalho Pedagógico. Ao considerarmos o trabalho como princípio educativo (SAVIANI, 2012; GASPARIN, 2009; ANTUNES, 2011; FRIZZO, 2008), devemos-nos atentar para qual concepção de trabalho estamos nos referindo e a quem interessa tal perspectiva, ou seja, ao ponderarmos como ponto de partida, para projetar os caminhos educativos, a figura do trabalho em sua forma mais desenvolvida e/ou hegemônica da sociedade – lógica capitalista – precisamos conhecer se esse se manifesta na perspectiva do capital ou do trabalhador.

Outro elemento indispensável para refletirmos sobre o Trabalho Pedagógico é a distinção entre TE e TP. Para Freitas (1995, p. 93), a TE se refere a uma “[...] concepção de educação apoiada em um projeto histórico e discute as relações entre educação e sociedade em seu desenvolvimento; que sujeito se quer formar; os fins da educação, entre outros aspectos”. Por sua vez, a TP está diretamente vinculada com o desenvolvimento do Trabalho Pedagógico, pois a mesma formula os princípios norteadores que orientam e objetivam o trabalho docente e da escola no processo de ensino-aprendizagem, não se simplificando/resumindo apenas à didática geral, mas ressaltando de forma global o processo de condução do trabalho em sala de aula.

Situado e entendido os dois elementos que se imbricam para comporem o Trabalho Pedagógico, compreendemos que a organização e sistematização do mesmo está pautada pelas relações de trabalho que, como mencionamos, se expressa em sua forma mais avançada seguindo a lógica capitalista. Desse modo, temos um Trabalho Pedagógico que reflete no interior da escola a organização da sociedade (capitalista). Nesse sentido, Kuenzer (2002, *apud* FRIZZO, 2008, p. 163), evidencia que numa sociedade como a nossa – dividida em classes e tendo sua existência com base na exploração do trabalho ou da força produtiva – o “[...] Trabalho Pedagógico desempenhará a função de desenvolver subjetividades tais como são demandadas pelo projeto hegemônico, ou seja, pelo capital” (FRIZZO, 2008, p. 163). Em suma, as relações estabelecidas entre trabalho e TP para com o Trabalho Pedagógico não se desvinculam da organização estrutural da sociedade, atuando numa estratégia de adequação e reprodução da ordem social vigente e as relações produtivas hegemônicas.

Convergindo com o posicionamento de Frizzo (2008), ao argumentar que nas condições objetivas do capital, o Trabalho Pedagógico se constitui como uma prática social que institui nos seres humanos as determinações políticas e ideológicas dominantes na sociedade com base na ordem econômica, Freitas (1995) reitera que relações de trabalho-sociedade e educação sinalizam uma ruptura de saberes no interior da escola em consonância com a fragmentação entre trabalho manual e intelectual manifestado na constituição da totalidade social. Para o autor, essa organização/divisão do trabalho corrobora para uma organização da escola admitindo a separação entre sujeito/objeto e teoria/prática, conseqüentemente acarretando em uma organização do Trabalho Pedagógico da escola e da sala de aula desconexa da prática em razão da desvinculação com o trabalho material. Desse modo, há uma apropriação de conhecimento limitada, com trabalhos mecânicos e de razão instrumental, com a finalidade de valorização e a acumulação do capital (FREITAS, 1995; ANTUNES, 2011).

Em contraposição, numa estratégia de enfrentamento a lógica imposta pelo capital para organizar o Trabalho Pedagógico no interior da escola, Freitas (1995, p. 100) sinaliza que o trabalho material é o elemento primordial para garantir a indissolubilidade entre a teoria e a prática social, proporcionando um terreno fértil

para a interdisciplinaridade. Para o autor, a finalidade da organização do Trabalho Pedagógico considerando esses determinantes,

[...] deve ser a produção de conhecimento (não necessariamente original), **por meio do trabalho com valor social** (não do trabalho do faz de conta, artificial); a prática refletindo-se na forma de teoria que é devolvida à prática, num circuito indissociável e interminável de aprimoramento. (FREITAS, 1995, p. 100, grifos nossos).

Partindo ao encontro do exposto e evidenciando a área de conhecimento da EF, Frizzo (2008, p. 164) menciona que o Trabalho Pedagógico necessita ter como ponto de partida a análise de problematizações da magnitude social que visa à conscientização de valores humanos e a constante recriação de conteúdos culturais de forma democrática no interior das relações sociais. Na perspectiva do autor, no Trabalho Pedagógico, “[...] o sujeito ativo e agente transformador é o/a professor/a e o objeto é a realidade ou o mundo concreto da necessidade”, abordando o conhecimento e a ciência enquanto um produto social histórico e em contínua evolução, priorizando ações que propiciem um processo de humanização plena dos indivíduos em sociedade.

Ferreira (2018), por sua vez, explica que o Trabalho Pedagógico coincide com o trabalho dos/as professores/as quando há, no interior da escola, espaços e tempos para a produção do conhecimento em movimentos dialéticos entre a proposta pedagógica de cada professor/a e o projeto pedagógico da escola, constituindo, desse modo, a práxis pedagógica. A referida autora caracteriza o Trabalho Pedagógico – que se manifesta no interior da escola na forma de produção de conhecimento em aula, tanto pelo/a professor/a quanto dos educandos – como uma dimensão do trabalho expressa de forma imaterial e improdutiva⁸. Ainda conforme entendimento da autora é por meio do Trabalho Pedagógico que os sujeitos envolvidos no processo educativo, no interior da escola, produzem historicidade e se autoproduzem, objetivando, por conseguinte, e por meio de interações e inter-relações, saberes sistemático e dialógico.

Considerando as condições objetivas e concretas da realidade social capitalista para pensar o trabalho dos/as professores/as e o Trabalho Pedagógico, a autora explica que “[...] a força de trabalho dos professores é organizada pelas relações de emprego e no qual os sujeitos agem em condições sociais, políticas”. Entretanto, segue a autora, “[...] o trabalho pedagógico, por suas características, apresenta possibilidades de o sujeito trabalhador ir além, projetar-se no seu trabalho de modo a confundir-se e movimentar-se humanamente com ele”. (FERREIRA, 2018, p. 605).

O entendimento de Zimmermann, Ribas e Ferreira (2013) sobre o Trabalho

⁸ Conforme Marx (2004), a relação de produtividade e improdutividade do Trabalho está condicionada às determinações gerais do processo de trabalho capitalista, na qual se objetiva na forma de mercadoria na unidade de valor de uso e valor de troca.

Pedagógico coincide com a perspectiva de Ferreira (2010), na qual o entendem como todo trabalho que tenha suas bases relacionadas à Pedagogia, destacando os métodos, as técnicas, a avaliação, planejadas para a produção de conhecimento a partir da interação entre sujeitos (aula), bem como a produção do conhecimento mediante a instrumentos teórico-metodológicos.

As mudanças no mundo do trabalho e as reformas educacionais, as quais se relacionam de forma recíproca e (inter)dependente, encaminham novos rumos para organização escolar e exigem uma nova relação de trabalho dos professores. No caso da EF deve atentar-se para a valorização da instrumentalização técnica e instrumental da área. Esse novo cenário, portanto, demanda uma reorganização do Trabalho Pedagógico condicionando aos/às professores/as o domínio de novas práticas e saberes que constituem o exercício da profissão (ZIMMERMANN; RIBAS; FERREIRA, 2013).

A partir dessa elevação teórica, retomaremos as análises no âmbito da prática vivenciada no ECS I, relacionando-as com o aporte teórico utilizado no estudo, trazemos à discussão as questões centrais materializadas nessa prática pedagógica. Diante disso, nos questionamos: quais os desafios para organizar o Trabalho Pedagógico na especificidade da EF escolar?

Sobre essa questão, tomamos como ponto partida, o entendimento de Soares *et al.* (2012). Para esses autores, a EF escolar esteve majoritariamente pautada pela perspectiva da Aptidão Física, isto é, a área balizou seus fundamentos sociológicos, filosóficos e psicológicos no pensamento positivista, sobretudo pelo caráter biologicista, que num primeiro momento preocupou-se com a preservação e pureza da raça, posteriormente, a partir do movimento higienista a formação de hábitos saudáveis da população, passando pela formação do sujeito forte e ágil apto para atender as demandas da industrialização e, por fim, a partir da esportivização⁹, a formatação de sujeitos flexíveis e coletivamente aptos para atender lógica produtiva do capital (SOARES, 2012).

Diante disso, entendemos que hegemonia esportiva encontrada no contexto do ECS I seja resquício do movimento de esportivização da área advinda da herança da ditadura militar, como forma de se adequar ao pensamento nacionalista em ascensão naquela época e atender ao processo de reorganização produtiva da sociedade. Vinculado a isso, a EF escolar incorporou o caráter tecnicista em suas aulas, priorizando demasiadamente o movimento e as ações corporais com a finalidade de "educação do corpo" (SOARES, 2012), em detrimento das dimensões

⁹ Para Bracht (2010), a esportivização nas aulas de EF se originam do período de ditadura militar, onde o esporte se tonou a manifestação hegemônica das aulas, com vistas à atender o paradigma da aptidão física pretendido pelas normas legais. Outro ponto salientado pelo autor, é a aproximação das políticas públicas da área da EF e do esporte, associando a EF escolar ao sistema esportivo brasileiro, objetivando a efetivação da iniciação esportiva no ambiente escolar, bem como a identificação de jovens talentos, no sentido de representar a nação em eventos internacionais.

históricas, sociais, culturais e políticas dos elementos da CC.

Da mesma forma, percebemos que a própria inserção da EF no ambiente escolar na qualidade de "atividade" proporcionou sua flexibilização na organização curricular, propiciando a pavimentação da área para o contraturno escolar. Mesmo diante da implementação da LDB/96, a qual instituiu a EF enquanto componente obrigatório da educação básica, essa realidade se manteve naturalizada na promoção da disciplina, em especial no Ensino Médio.

Diante dos elementos apresentados (esportivização e contraturno) há implicações no plano pedagógico como, por exemplo, a evasão das aulas de EF. Conforme estudos de Santos e Trindade (2013) e Sampaio *et al.* (2012), existem três causas que acarretariam na evasão da referida disciplina, dentre essas são citadas: a utilização hegemônica de um esporte na efetivação das aulas e o fato das aulas serem ministradas no turno inverso do ensino regular.

Outro ponto que precisa ser ponderado é a organização da disciplina por clubes esportivos que, ao nosso entender, se constitui como uma nova roupagem da esportivização da EF escolar, que entre outros aspectos, retoma e reafirma a visão retrograda construída historicamente dentro da área onde divide a turma de alunos – a partir das diferenças biológicas e dos níveis de aptidão física – a partir do sexo dos mesmos (SOARES *et al.* 2012). Tal realidade foi constatada no contexto do ECS I, na qual a turma onde o estágio foi concretizado esteve composta por sujeitos do sexo masculino, enquanto as alunas frequentavam as aulas de EF, também no modelo de clubes, com a abordagem do conteúdo Ginástica, também no contraturno escolar.

Em específico ao Trabalho Pedagógico, essa realidade implica na limitação da efetivação de uma proposta que contemple toda a gama de conhecimentos da CC, pois, ao adotar o modelo de clubes na organização curricular da disciplina, o docente acaba refém de apenas um conteúdo para abordar durante todo o ano letivo, ao passo em que os próprios estudantes também limitam sua formação em um conhecimento específico durante sua formação básica.

Já a questão das aulas de EF se concretizarem no contraturno escolar, entendemos que dificulta ao/à professor/a o diálogo com os demais docentes da escola, inviabilizando uma construção coletiva de um projeto pedagógico e educativo para as diferentes turmas de atuação, bem como, transparece certa deslegitimidade do componente curricular no ambiente escolar e, conseqüentemente, irrelevante à formação dos discentes.

A permanência da divisão entre os sexos nas aulas de EF, configura um retrocesso para a área. As aulas "mistas", em nossa visão, possibilitam a promoção do respeito às especificidades de cada aluno, ao passo em que também democratizam o conhecimento (em suas múltiplas manifestações) para os

discentes, independente das características biológicas e habilidades motoras.

A esportivização da EF é um dos desafios mais latentes da área no que tange o processo de organização do Trabalho Pedagógico. Defendemos que o Esporte, enquanto conteúdo, necessita ser abordado no processo de ensino-aprendizagem junto com as demais manifestações corpóreas historicamente construídas pela humanidade. Nesse sentido, acreditamos que a própria hegemonização da prática em detrimento da teoria na efetivação do Trabalho Pedagógico também é reflexo do processo de esportivização das aulas e, que também, está associada a questões concretas da educação pública como, por exemplo, os espaços das aulas de EF, a oferta dos materiais didáticos, tempo para planejamento, entre outras situações.

Da mesma forma que a esportivização, a organização do componente curricular por clubes, resulta na limitação de viabilizar a abordagem das outras manifestações da CC nas aulas de EF. Entretanto a tematização do futsal/futebol por um longo período forneceu a possibilidade de abordar as múltiplas determinações que tangenciam o contexto cultural do esporte e que implicam na organização do Trabalho Pedagógico, contemplando, diante disso, tanto os aspectos práticos (posicionamento, conceitos táticos e técnicos) quanto os aspectos teóricos (desigualdade de gênero no meio esportivos, racismo histórico na modalidade, megaeventos), relacionando-os com a realização de eventos socioculturais como, por exemplo, a Copa do Mundo de Futebol Feminina de 2019 e, no âmbito local, a participação do Jogos Escolares de Santa Maria (JESMA).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar dessa construção teórica, tematizando o Trabalho Pedagógico pautado nas experiências do ECS I com a etapa do Ensino Médio, discutimos os desafios para pensar/organizar o trabalho do/a professor/a de EF escolar na atualidade. Acerca dos desafios situados na materialidade empírica relatada, elencamos: o contraturno escolar e a esportivização no desenvolvimento das aulas. Como nexos causais, a evasão das aulas e a inviabilidade de diálogo com professores/as de outras disciplinas se apresentam como efeito da organização das aulas em turno inverso ao horário regular das demais disciplinas.

Por sua vez, a organização por clubes (como nova roupagem da hegemonia esportiva), os limites no trato pedagógico com outros elementos da CC, a organização das turmas por sexo e a hegemonização da prática são efeitos da esportivização enquanto síntese do movimento da Aptidão Física que ainda reverbera no espaço/tempo da EF escolar e se apresenta como desafios para pensar/organizar o Trabalho Pedagógico em EF escolar. Tais desafios implicam na socialização do conhecimento da CC, bem como corroboram a desqualificação da área enquanto componente curricular. Entendemos, entretanto, que tais desafios foram atenuados a partir da proposta pedagógica desenvolvida no ECS I.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

A autoria é responsável pelos conteúdos do texto. Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Gislei José Scapin – Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Gabriel Viêlmo Gomes – Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Maristela da Silva Souza – Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. A ontologia singularmente humana do trabalho. Entrevista de Ricardo Antunes (em fevereiro de 2011). *Motrivivência*, Florianópolis, v. 22, n. 35, p. 202-233, dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2010v22n35p202/18092>. Acesso em: 11 abr. 2020.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari K. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução às teorias e aos métodos*. Porto. Porto Editora, 1994.

BRACHT, Valter. A educação Física no ensino fundamental. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, 1., 2010, Belo Horizonte. ANAIS... Belo Horizonte, 2010. Disponível em: https://psicod.org/pars_docs/refs/47/46322/46322.pdf. Acesso em: 11 abr. 2020.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=23/12/1996>. Acesso em: 09 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CP Nº 2/2002*: Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. MEC: Brasília, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2019.

ESCOBAR, Micheli O. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. In: SOARES, Carmen L. et al. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012. p. 121-133.

FERREIRA, Liliana S. Trabalho Pedagógico na escola: o que se fala? *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 591-608, 2018.

FREITAS, Luiz C. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas: Papirus, 1995.

FRIZZO, Giovanni. O trabalho pedagógico como referência para a pesquisa em EF. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 159-167, maio./ago. 2008.

FRIZZO, Giovanni F. E; RIBAS, João F. M; FERREIRA, Liliana S. A relação trabalho-educação na organização do trabalho pedagógico da escola capitalista. *Educação*, Santa Maria, v. 38, n. 3, p. 553-564, set./dez. 2013.

GASPARIN, João L. *Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica*. 5. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2009.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. 4. reimp. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. Trabalho Produtivo e Trabalho Improdutivo. In: ANTUNES, R (org). *A dialética do Trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*; Tradução e Introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão popular, 2008.

PRADO, Jeovandir C; LIMA, Antonio B. Pedagogia histórico-crítica: uma discussão sobre a prática social docente no marxismo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO HISTEDBR, 10., 2016, *Anais Eletrônicos*. Campinas: UNICAMP, 2016. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/histedbr2016/anais/pdf/911-2709-1-pb.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2019.

RIBEIRO, Gabriela M. Educação Física Escolar e o trato dos conteúdos: o caso da organização por clubes no Ensino Médio. *EFDesportes*, Buenos Aires, v. 16, n. 164, jan. 2012.

SAMPAIO, Adelar A. *et al.* *Educação Física no Ensino Médio: motivos para evasão*. CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, PESQUISA E GESTÃO, 4., 2012. Ponta Grossa-Paraná. Disponível em <http://www.isapg.com.br/2012/ciepg/down>. Acesso em: 23 out. 2019.

SANTOS, Douglas C.; TRINDADE, Patrícia S. A evasão dos alunos do ensino médio nas aulas de educação física na percepção dos professores da E. E. Brandão de Amorim do município de Parintins-AM. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., 2013. *Anais Eletrônicos*. Brasília: UNB, 2013. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/5402/2755>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SOARES, Carmen Lucia. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. 5. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SOARES, Carmen Lucia *et al.* *Metodologia do Ensino da Educação Física*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *Projeto Pedagógico*. Santa Maria, 2005. Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/educacao-fisica/projeto-pedagogico>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ZIMMERMANN, Ana Paula R. C; RIBAS, João Francisco Magno; FERREIRA, Liliana S. *Trabalho pedagógico de professores de Educação Física: implicações e possibilidades com base em análise das políticas educacionais*. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - CONBRACE, 18. e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIENCIAS DO ESPORTE - CONICE, 5., 02 a 07 de agosto de 2013, Brasília, DF. *Anais...* Brasília: 2013. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/download/4942/2808>

Recebido em: 14 ago. 2020
Aprovado em: 16 abr. 2021

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:



